

ARTE 1922

6-1

Salão dos Humoristas

Encerra-se hoje esta interessante exposição

O Salão dos Humoristas encerra hoje as suas portas ás 6 horas da tarde. Certamen discutido, muito controvertido mesmo, ficou como nota impressiva e forte da boa-vontade—senão da audacia—dos novos. O Salão foi visitadíssimo—e o facto representa já uma semi-victoria. Fizeram-se muitas aquisições. Os organizadores, que não esperavam um exito retumbante, confessam-se encantados—e dispostos a continuar. O Salão dos Humoristas foi para todos uma lição—e um incitamento.

Entre os expositores havia nomes justamente apreciados pelo publico—Carlos Carneiro, Hartwich Nunes, D. Fuas, Helena de Bourbon e Menezes, Octavio Sergio, Menezes Ferreira, Jorge Barradas—que, sendo dos ultimos a aparecer, pode orgulhar-se de ser dos primeiros em categoria artistica—e Cruz Caldas. A este ultimo, dos mais novos e



Cruz Caldas—modestia e talento

dos mais modestos, devemos uma referencia especial. Acusaram-no de falta de probidade, —«artista sem escola», chegaram a dizer. «Ecola», para os que o acusavam, não significava, pejorativamente, um rotulo, uma etiqueta—uma fórmula. O artista desconheceria tudo—até os mais rudimentares principios de técnica. A acusação, que nos pareceu ousada—conheciamos de ha muito os trabalhos do autor—levou-nos propositadamente ao Salão Silva Porto—onde fizemos demorado roteiro. Não perdemos o tempo. Se os berrantes cartazes e os felicissimos «portraits-charges» de D. Fuas nos proporcionaram bons momentos de recreio visual—os «oleos» de Silva e Souza, talvez deslocados num Salão de Humoristas, levaram-nos por instantes á contemplação embevecida do Marão—a montanha onde a alma sóbe até Deus. Nas aguarelas de Cruz Caldas—que particular e empenhadamente observamos—feriu-nos a oportunidade flagrante da «charge», triunfalmente assinalada já nas capas hilariantes do «Córócó». A aparente disparidade dos seus trabalhos enriquecia, quanto a nós, as suas largas faculdades de artista. «Venço na vida porque sou Valente» foca magistralmente essas qualida-

des. Não é um retrato hirto, sêco e frio—é a «charge» em requinte, aproveitada em todas as minucias psicologicas.

A personagem caricaturada—sobejamente conhecida no Porto—encontra-se em toda a sua alma.

A «eterna flôr»—outro motivo feliz—exemplifica o mesmo processo. Tem intenção e atinge intensamente o proposito caricatural.

Numa outra indole—que pode extranhar-se numa exposição humoristica, muito restricta, mas que só confirma o valor de Cruz Caldas—«Deixai vir a mim os pequeninos», «Emanuel Ribeiro» e «Unidos na Desgraça», dão-nos uma modalidade nova dos processos artisticos do expositor—que se torna duplamente simpatico pelo seu talento e pela sua modestia. A intenção psicologica subsiste em todas essas aguarelas, servindo-lhe de traço comum. E' por essa intenção que reconhecemos o autor. E' ainda por ela que o admiramos,—por essa intenção fundamental em arte e que Cruz Caldas, talvez intuitivamente, soube acentuar nos quadros expostos.

A sua maneira se não é, tecnicamente, assombrosa, revela uma probidade louvavel e um aturado cuidado. Certamente, Cruz Caldas é, sobretudo, servido pela «queda», que—ele mesmo confessa—o acompanha desde menino. Mas essa «queda» é ainda uma condição de talento—e Cruz Caldas marcou entre os expositores do Salão de Humoristas por essa qualidade excepcional.

JORNAL DE NOTÍCIAS

